



Memória MGTV: as estratégias de rememoração no telejornalismo local

MUSSE, Christina Ferraz¹
Universidade Federal de Juiz de Fora
GUIMARÃES, Michelle F.P. Ferreira²
Universidade Federal de Juiz de Fora

Resumo: A necessidade e o desejo de memória são marcas das identidades contemporâneas. Na televisão, vários espaços da grade de programação são destinados à rememoração: as datas comemorativas e as retrospectivas de final de ano, por exemplo, funcionam como lugares de memória (NORA, 1993), isto é, dizem-nos o que é importante lembrar e o que pode ser esquecido. Em Juiz de Fora, criou-se um quadro fixo, no telejornal *MG1 TV Integração Zona da Mata e Vertentes*, que seleciona reportagens veiculadas pela emissora, para relembrar os acontecimentos jornalísticos, que ganham, assim, a dimensão de registros históricos. O quadro veicula o material do Centro de Documentação (Cedoc), e funciona não apenas como fonte, mas delimita o lugar de fala da emissora como senhora da memória (BARBOSA, 2004). Neste artigo, pretende-se analisar a constituição do acervo e as estratégias de rememoração local.

Palavras-chave: *Memória MGTV*, TV Integração, telejornalismo local, arquivo, história.

1. Memória, identidade e telejornalismo local

Certamente, existem poucas lembranças da primeira transmissão de televisão realizada em uma área pública de Juiz de Fora. Ainda estávamos em 1948, mas o técni-

¹ Professora da Universidade Federal de Juiz de Fora. Doutora em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Líder do Grupo de Pesquisa Comcime/CNPq (Comunicação, Cidade e Memória). E-mail: cferrazmusse@gmail.com

² Supervisora de Programação da TV Integração de Juiz de Fora. Mestre em Comunicação e Sociedade pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Comcime/CNPq (Comunicação, Cidade e Memória). E-mail: pires.jornalista@gmail.com

co Olavo Bastos Freire tinha a curiosidade e a habilidade necessárias para montar aquele equipamento ainda muito tosco, que conseguiria transmitir as imagens de um bonde, captadas pelo transmissor, instalado no Clube Juiz de Fora, até o receptor, na Casa do Rádio, na Av. Getúlio Vargas, a cerca de um quilômetro dali. Dois anos depois, foi feita por ele a primeira transmissão das imagens de um jogo de futebol, Tupi F.C. x Bangu A.C, em comemoração ao centenário de Juiz de Fora, em maio de 1950. Nesta noite, o *Repórter Esso*, da Rádio Tupi, noticiaria que, pela primeira vez na história do país, havia sido televisionado um jogo de futebol. (MUSSE, 2015).

A saga do “inventor” ainda não foi devidamente divulgada e reconhecida. Alguns dos equipamentos usados por ele estão na reserva técnica da Fundação Cultural Alfredo Ferreira Lage - Funalfa -, em Juiz de Fora, que também guarda o áudio da entrevista de Freire, feita pelo historiador Nilo de Araújo Campos, da Divisão de Memória, e cópias digitalizadas de cenas do cinejornal da Carriço Films (*Juiz de Fora - E. de Minas: a pioneira da televisão no Brasil*³), que mostram Freire em ação. Parte do acervo de sua oficina e de sua biblioteca foi perdido depois da morte, em 2005, quase aos 90 anos. (BLACK, 2016).

Brasil e Frazão alertam para o descompromisso com a preservação da memória audiovisual não apenas no âmbito local, mas em todo o país. Eles defendem a necessidade do tratamento da memória da TV como um patrimônio público e de fácil acesso. No Brasil, apenas arquivos privados têm sido constituídos para preservar essas histórias:

Por que é possível acessar qualquer jornal impresso brasileiro de qualquer época em bibliotecas públicas, quando o mesmo não acontece caso se queira assistir aos telejornais brasileiros do passado? Os telejornais brasileiros, enquanto memória histórica fundamental para compreensão do passado e presente, ainda são reféns de arquivos privados. Consideramos a inexistência de arquivos públicos com telejornais um preconceito contra as imagens e contra os telejornais enquanto importantes documentos históricos. O acesso livre à nossa memória televisiva é questão fundamental e estratégica para a preservação da democracia no Brasil. (2012, p.14).

³ A parte do acervo da Carriço Films, que não foi destruída por falta de conservação, está disponível na Cinemateca Brasileira, em São Paulo. Pode-se ter acesso a algumas cópias digitalizadas, na Funalfa. A Cinemateca também produziu um DVD de alguns cinejornais da Carriço Film. Este ano, na UFJF, foi montada a exposição “Mostra Carriço: tudo vê, tudo sabe, tudo informa”, que reuniu fotografias e textos sobre o documentarista. Sua vida foi tema de pelo menos dois livros já publicados.

Quando se pensa na preservação da memória audiovisual, no interior, a situação é ainda mais crítica. Em Juiz de Fora, a inexistência de uma política pública municipal de conservação da memória da mídia atinge outros restos de coleções, que são de grande importância histórica, como aqueles da TV Mariano Procópio e da TV Industrial. No caso da TV Mariano Procópio, os livros *TV Mariano Procópio - representação e pioneirismo na história audiovisual de Juiz de Fora* (2008), de Livia Fernandes de Oliveira, e *Cariocas do Brejo entrando no ar - o rádio e a televisão na construção da identidade juiz-forana (1940-1960)*, de 2012, de Cristina Brandão e Flávio Lins rememoram a história desta que já foi qualificada como a primeira “TV pirata do Brasil” (MUSSE; RODRIGUES, 2012). O professor Flávio Lins também é o diretor do documentário *Cariocas do brejo entrando no ar* (2011) e *Histórias do Magela* (2017), onde recuperou trechos de películas gravadas na época. No caso da TV Industrial, a dissertação de Frederico Belcavello, *A TV Industrial de Juiz de Fora - memórias da juizforaneidade (1964-1979)*, além de rememorar a história da emissora, vem acompanhada de um documentário, produzido por ele e Rodrigo Lobão, *Do zero ao infinito: a TV Industrial de Juiz de Fora*, que pode ser acessado no YouTube.⁴

As fontes orais são as principais responsáveis pelo conteúdo do documentário *Cidades possíveis*, de Christina Ferraz Musse e Cristiano José Rodrigues. A transcrição das entrevistas brutas gravadas deu origem ao livro *Memórias possíveis: personagens da televisão de Juiz de Fora*, que traduz memórias de jornalistas e radialistas de todas as emissoras que geraram imagens na cidade até o ano de 2008⁵: TV Mariano Procópio, TV Industrial, TV Tiradentes, TV Alterosa, TV Educativa, TV Visão e TV Globo Juiz de Fora (depois, TV Panorama, e, finalmente, TV Integração).

Para aqueles interessados na história da TV local, o maior desafio é a identificação e a organização dos acervos audiovisuais. As emissoras não se preocuparam com a

⁴ In: https://docs.google.com/document/d/1a9HV8ZTx4dXZCSHMD6sCcHQ_DY_YHFax/edit#. Acesso em jul. 2019.

⁵ Estão sendo consideradas apenas emissoras com geração de conteúdo local, em canal aberto. Destas, só a TV Visão operava em canal fechado, via Net, no seu início, mas, em seguida, passou a ter o seu conteúdo veiculado pela TVE.

constituição desses acervos e apenas com a boa-vontade de colecionadores particulares tem-se a sorte de recuperar alguma documentação.

A grande exceção neste cenário é o caso da antiga TV Panorama que, há alguns anos, iniciou a preservação do acervo audiovisual, através de um Centro de Documentação (Cedoc). O trabalho resultou em um DVD, com dois discos, na comemoração dos 25 anos da afiliação da emissora geradora de Juiz de Fora à Rede Globo de Televisão 1980-2005. O DVD seguiu o modelo de outros produtos bem sucedidos da matriz, no Rio de Janeiro. Na época, a diretora de Jornalismo da emissora era a jornalista Ana Viana, e o presidente da OP.COM, o empresário Omar Resende Peres. No texto da embalagem do produto, lê-se:

Este DVD celebra os 25 anos de afiliação da TV Panorama à Rede Globo de Televisão. Ele resgata a memória da emissora de Juiz de Fora e leva ao conhecimento do público aquilo que foi produzido por nossos profissionais durante todos esses anos. É um olhar sobre a história da Zona da Mata, Vertentes e Mantiqueira através de um dos instrumentos mais poderosos da democracia: a informação. Nós, da Organização Panorama de Comunicação, acreditamos que o desafio é assegurar este direito ao cidadão da melhor forma. Transmitir informações isentas, éticas e livres. Este tem sido o nosso compromisso: um exercício contínuo na busca pela verdade dos fatos. (VINTE E CINCO ANOS, 2005).

A rememoração se faz necessária para a compreensão da história da televisão brasileira e também para o entendimento do vínculo que o veículo criou com sua audiência durante a segunda metade do século XX e os primeiros anos do século XXI. Neste caso, deve-se retomar o conceito de “laço social” (WOLTON, 1996), aquela relação de pertencimento, mantida entre indivíduos dispersos geograficamente, que assistem a determinado programa, e sabem que outras pessoas assistem também.

O telejornalismo, na TV aberta, funciona como experiência única, cotidiana e coletiva, de representação e construção da realidade, refletindo e interferindo na expressão da(s) identidade(s) nacional(is). Pelo telejornal, a TV cria e procura dar visibilidade a uma experiência coletiva de nação. É um espaço importante de construção de sentidos do nacional como um ritual diário. (BECKER, 2006, p.67).

Para Coutinho, “ao narrar o cotidiano, os telejornais também tecem laços de inclusão e pertencimento com um público que, pelo vínculo e identificação com a trama apresentada, se reconhece brasileiro, no caso dos telespectadores dos programas veiculados em rede” (2010, p.133).

Não só o noticiário diário, mas a rememoração de narrativas do passado é passível de criar fortes vínculos com os telespectadores. Exemplo disso é o canal fechado *Viva*, que só apresenta reprises de programas antigos. Ao estudar o canal, o pesquisador Mário Abel Bressan cunhou o conceito de “memória teleafetiva”.

Este fenômeno pode ser explicado, porque há um prazer em voltar ao passado com as imagens da televisão. Ela agrada, porque traz novamente um laço social, reconstruído com as reminiscências e com as experiências coletivas e individuais atuais do sujeito. Possuímos memória afetiva desde pequenos. Somos formados por sentimentos e as pessoas que estão ao nosso lado auxiliam nisso. Os grupos de referência interferem na aquisição de sentimentos. (BRESSAN, 2019, p. 202).

O autor considera que a TV faz parte de um destes grupos, que “além de auxiliar na formação dos afetos, tem a possibilidade de atuar como objeto de evocação da memória” (*id.ibid*, p. 202). Assim, ao realizar a retrospectiva de final de ano, por exemplo, a televisão nos diz o que é importante lembrar. Ao criar efemérides que comemoram o aniversário da cidade ou o cinquentenário de uma instituição, a TV está dizendo para a audiência o que é importante lembrar. Ao utilizar imagens de arquivo para reconstituir a lembrança de uma festa ou o desfecho de um julgamento, a TV está nos dizendo como lembrar. Quando a própria TV tem um quadro que celebra a memória, ela está se colocando no lugar de “senhora da memória” (BARBOSA, 1995), reativando no espectador uma série de sentimentos relativos ao momento em que aquela velha reportagem foi ao ar. É um gatilho de memória, e um gatilho afetivo. Como Bressan propõe, acerca da telenovela, mas que podemos aplicar ao sentimento despertado por uma reportagem que revemos e que foi compartilhada pela comunidade que frequentamos:

O público “herda” reminiscências, pois a televisão e as telenovelas estão num contexto imaginário e social. Os afetos surgem em função da relação proporcionada pela primeira exibição e do convívio com familiares, amigos e colegas. A televisão também configura um espaço de comunhão, de coabitação comum. (BRESSAN, *opus.cit.*, 2019).

Se estreitarmos as fronteiras desse contexto imaginário e social da TV, transformando-as em margens, passando de uma abrangência nacional para outra de menor proporção, de âmbito municipal, não teremos uma relação tão diferente entre os cidadãos e a televisão. Ainda que as cidades sejam menores que um estado ou país e as possibilidades de encontros presenciais entre os conhecidos sejam maiores, a comunidade também se *re-conhece* ao ver na telinha as imagens de seu próprio bairro, praça, unidade de saúde, prédios públicos, manifestações culturais. Sem falar da repercussão local, quando um vizinho, colega de trabalho ou de escola é entrevistado frente às câmeras e passa de cidadão comum para personagem de matéria. Se a identidade e o laço nacional são fortalecidos a partir da exposição dos telespectadores aos telejornais de rede, a TV local é responsável por promover o empoderamento dos vínculos entre os moradores de um município.

2. Jornalismo local na TV Integração: uma perspectiva historiográfica

Para entendermos a relevância do telejornalismo local para os telespectadores da área de cobertura da TV Integração, é preciso traçarmos um breve percurso histórico de suas antecessoras, a começar pela pioneira TV Industrial. A chegada da Rede Integração no município data de 2007, ou seja, um evento recente, se levarmos em consideração o contexto histórico da televisão na região da Zona da Mata.

O empresário Sérgio Vieira Mendes e seus filhos Gudesteu e Geraldo – que eram proprietários das rádios Industrial e Difusora, também com sede em Juiz de Fora – já idealizavam a fundação da TV Industrial, em 1962. A concessão foi aprovada pelo ex-presidente João Goulart, em 22 de janeiro de 1963. Em 29 de julho de 1964, foi inaugurada a primeira estação geradora de sinais de TV do interior do país. A sede ficava no Morro do Imperador, num terreno doado pela Prefeitura de Juiz de Fora. A emissora chegou a produzir localmente 80% de sua programação.

Em 1979, porém, a TV Industrial, sem suportar a concorrência, foi adquirida pela Rede Globo, que é inaugurada na cidade, em 26 de abril de 1980. Apesar da presença da emissora de destaque nacional, a programação local passou a contar apenas com alguns minutos diários nos telejornais. Só, em 1998, a gestão nacional da Rede Globo

decide apostar mais na produção local, e, assim, por exemplo, aconteceu a mudança do nome da TV Globo de Juiz de Fora para TV Panorama. O slogan da época era: “TV Panorama: o espelho da comunidade”, com investimento em eventos e ampliação do tempo da grade de programação local, e novas atrações como o semanal *Panorama Revista*.

Em 2003, como estratégia comercial, a Rede Globo efetua a venda da TV Panorama ao empresário Omar Rezende Peres. Além da TV Panorama, o grupo de comunicação OP.Com, criado por Peres, reunia também as seguintes empresas: Rádio Panorama, Jornal Panorama, iPanorama.com e PanShow. Do ponto de vista de produção de conteúdo regional, a OP.Com manteve os programas *Panorama Esporte*, *MGTV 1ª* e *2ª Edição*, e criou o *Panorama Entrevista*.

Em 2007, a Rede Integração, de propriedade do empresário Tubal de Siqueira Silva, com sede em Uberlândia, no Triângulo Mineiro, adquiriu 50% das ações da TV Panorama e se tornou a maior empresa de comunicação do interior mineiro (MATA, 2008). A venda total da empresa aconteceu no ano de 2012. Em abril daquele ano, houve, finalmente, a mudança de nome e marca para a área de cobertura de toda a Zona da Mata e Campo das Vertentes que, atualmente, conta com 102 municípios e um total de 2.074.443 habitantes⁶.

A Rede Integração é afiliada à Rede Globo, e possui quatro geradoras no estado de Minas Gerais, nas cidades de Uberlândia, Ituiutaba, Araxá e Juiz de Fora, integrando várias regiões. Sua área de cobertura abrange 229 municípios mineiros e 5.966.006 habitantes⁷. A TV possui equipes de jornalismo nas cidades de Uberlândia (“cabeça de rede”), Uberaba, Divinópolis, Araxá, Patos de Minas, Ituiutaba, Juiz de Fora e Barbacena. São seis o total de programas jornalísticos (noticiosos ou não) de produção local, veiculados pela Rede Integração, a saber:

- **MGI**: noticiário regional veiculado de segunda a sábado, a partir das 11h45min, com produção média de 60 minutos. Voltado para a cobertura de notícias factuais, de comportamento, cultura e, ainda, discussões temáticas.

⁶ Dados do *Atlas de Cobertura da Rede Globo*.

<https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/estados.aspx?uf=MG>. Acesso em jul./2019.

⁷ Dados do *Atlas de Cobertura da Rede Globo*.

<https://negocios8.redeglobo.com.br/Paginas/estados.aspx?uf=MG>. Acesso em jul./2019.

- **MG2:** noticiário regional veiculado de segunda a sábado, por volta das 19h10min, com produção média de 15 minutos. Voltado para os factuais, notícias de economia e política, mas há também espaço para notícias de cultura e comportamento, principalmente encerrando o jornal.
- **Radar:** boletins que vão ao ar de segunda a sexta-feira, de manhã e à tarde, com as atualizações das notícias do dia. Normalmente, são exibidos quatro boletins por dia, com duração média de um minuto cada.
- **Globo Esporte:** bloco local produzido pelas emissoras de Uberlândia e Juiz de Fora. (As cidades da área de cobertura de Araxá acompanham o *Globo Esporte Minas* na íntegra).
- **MG Rural:** noticiário que leva ao público as principais notícias do homem do campo e do agronegócio. Produzido e apresentado ao vivo de Juiz de Fora, aos sábados, às 8h, para toda a abrangência da Rede Integração, conta com conteúdos enviados de todas as praças e possui duração média de 25 minutos.
- **Integração Notícia:** telejornal local matinal, com duração média de 20 minutos, de segunda a sexta-feira, sempre por volta de 7h30min. É produzido por todas as emissoras do grupo.

A Rede Integração foi a primeira a transmitir o sinal digital no interior de Minas Gerais, para os municípios de Uberlândia e Araguari, e a segunda do interior do país, depois da EPTV, em Campinas. Na área de cobertura da Zona da Mata e Campo das Vertentes, o sinal da geradora passou a ser transmitido no sistema digital, no dia 27 de maio de 2013, apenas para a cidade de Juiz de Fora e, posteriormente, para as cidades com população acima de 50 mil habitantes – Barbacena, Muriaé, Leopoldina, Cataguases, Ubá, São João del-Rei e Viçosa. Em 2018, com o processo de desligamento do sinal analógico (*switch off*), o sinal digital chegou também à cidade de Matias Barbosa. A introdução da tecnologia digital provocou uma mudança fundamental na forma de captar, editar, transmitir e guardar informação nas emissoras.

3. Centro de Documentação (Cedoc) da TV Integração de Juiz de Fora

A iniciativa de arquivar memórias é uma prática de mais de 40 anos para a Rede Globo de Televisão. O Centro de Documentação (Cedoc), no Rio de Janeiro, foi o pioneiro, inaugurado em 1974, e é o maior arquivo de imagens em movimento no Brasil,

atendendo especialmente ao Jornalismo da emissora⁸. Os dados abaixo dimensionam o que já era o acervo do Rio de Janeiro, há dez anos:

Para se ter uma ideia do tamanho do Cedoc, a quantidade de discos ópticos que armazenam vídeos ultrapassa os 16 mil, e cresce a cada dia. Isso sem contar com as fitas U-matic, Betas e os filmes, que ainda são em grande número e aos poucos são transferidos para discos ópticos. O número de vídeos incluídos no sistema é em torno de 680 mil e o total de documentos que o Cedoc possui, entre vídeos e arquivos de texto, soma mais de 3.495.000. (GRANJA, 2009, p. 30).

Em 1999, a Rede Globo criou o *Memória Globo*, segundo a autora, “um projeto que tem como objetivo resgatar e guardar a memória de diversas áreas da Rede Globo e os principais fatos da Humanidade e da própria rede de televisão”. (*id. ibid.*, p.26). O conteúdo do site foi usado para confeccionar diversos produtos. “Além de verbetes em seu site, que remetem a acontecimentos históricos, o *Memória Globo* possui vídeos e mais de 600 entrevistas e 1800 horas de gravação, e atua na produção de livros sobre a Rede Globo.” (*id. ibid.*, p. 27).

O projeto de preservação da memória audiovisual também faz parte do Centro de Documentação da TV Globo Minas, cujo acervo remonta à década de 1980, e onde a maior parte do material está digitalizada em formato XDCAM⁹ (discos ópticos):

O Cedoc, implantado desde 1996, está instalado no prédio da emissora e é diretamente ligado ao Departamento de Jornalismo. Com cerca de 84 m², e uma equipe formada por dois jornalistas, duas bibliotecárias e dois editores de VT, sendo um formado em História e o outro cursando Tecnologia em Produção Multimídia. Além da equipe fixa, conta também com duas estagiárias, estudantes de Jornalismo e Biblioteconomia. (MOREIRA, 2013, p. 27).

O Cedoc da TV Globo Minas arquiva tudo o que é produzido pelo Setor de Jornalismo da emissora. Os telejornais locais são arquivados na íntegra. O acervo tem im-

⁸ Os acervos de imagens dos outros programas ficam no Arquivo de Mídia, que funciona na Central Globo de Produção - Projac (GRANJA, 2009, p. 30).

⁹ XDCAM não é propriamente um formato e sim um *sistema* de armazenamento de dados de vídeo digital, criado pela Sony, em 2004. Utilizado no segmento profissional, emprega câmeras e VCRs, gravando dados de imagem em discos ópticos semelhantes aos discos Blu-ray, chamados *Professional Disc* e em cartões de memória do tipo ExpressCard. In:<http://www.fazendovideo.com.br/infotec/xdcam-1.html>. Acesso em jul. 2019.

portância fundamental para a memória audiovisual de Minas Gerais, mas o acesso ao acervo não é tão simples assim:

Com relação aos pedidos externos (cópias de matérias e programas feitos pelo público – não entre as emissoras), a política nacional da TV Globo para a cessão de imagens, também seguida pela Globo Minas, estabelece que as imagens, entrevistas e matérias produzidas pelas próprias equipes são para uso exclusivo do Jornalismo, não podendo ser cedidas a terceiros pelo Centro de Documentação. Cópias de reportagens podem ser solicitadas à empresa Conteúdo Expresso de São Paulo, licenciada para comercializar conteúdos da TV Globo via telefone ou pelo site da empresa. Os preços dos “produtos” variam conforme suas especificidades¹⁰. (MOREIRA, *opus.cit.*, p.30).

Em Juiz de Fora, o acervo da antiga TV Globo começou a ser organizado depois de 1998. Quase todo o conteúdo gravado em fitas magnéticas U-Matic, e em película 16mm, até 1985, foi perdido. “E o que restou do acervo dessa década foram imagens resgatadas através de gravações de arquivo pessoal do cinegrafista Abiacyr Bezerra: imagens em VHS copiadas e transformadas para o formato Betacam.” (*id. ibid.*, p. 37). Antes da organização do acervo, o trabalho era manual. As imagens eram descritas em planilhas para serem usadas pelo editores. Com a chegada da TV digital, o armazenamento passou a ser feito em disco rígido (HD), mas o espaço de memória ainda não era suficiente. Atualmente, a TV Integração de Juiz de Fora tem um equipamento de ponta usado para o arquivamento dos conteúdos, o LTO - *Linear Tape Open*, apelidado carinhosamente de “mini-robô”:

As fitas LTO possuem um chip de memória, que armazena dados com maior capacidade, além de ocuparem menos espaço físico. Com o processo de digitalização completo das emissoras, o que inclui a própria transmissão em alta definição de som e imagem, o volume de dados de áudio e vídeo torna-se muito grande. Segundo o diretor de engenharia da TV Integração, Paulo Feres de Castro, responsável pela compra e manutenção de todos os equipamentos da emissora, optou-se pelo uso das mídias LTO por armazenar grande volume de informações com maior segurança. (*id. ibid.*, p.39).

Dessa forma, ficou muito mais ágil a possibilidade de utilização de imagens de arquivo e a criação do quadro *Memória MGTV*.

¹⁰ As exceções são feitas para pedidos judiciais ou solicitações de pessoas e/ou empresas que tenham relação com a emissora.

4. O quadro *Memória MGTV*¹¹

O quadro *Memória MGTV* foi ao ar, pela primeira vez, em 25 de abril de 2015. No portal de notícias *GI Zona da Mata*, lê-se: “Foi lançado neste sábado (25), o quadro ‘Memórias’, resgatando a história do jornalismo do *MGTV* em Juiz de Fora e relembrando fatos e imagens eternizados por meio das câmeras”. (QUADRO, 2015). No link que reproduz a matéria veiculada, o apresentador, do estúdio, lê a “cabeça”: “Uma viagem no tempo. O *MGTV* te leva agora a relembrar fatos e imagens eternizados por meio de nossas câmeras ao longo de 51 anos da TV em Juiz de Fora. Você é nosso convidado a voltar na história”.

Na matéria de 6min11s, as primeiras imagens são reproduzidas em preto e branco e a trilha sonora imita o ruído de um projetor de filmes. Seguem pequenos flashes de repórteres que já trabalharam na emissora de Juiz de Fora. Então, do estúdio, a apresentadora Érica Salazar diz que:

Hoje, a nossa realidade é HD, imagens em alta definição, quase reais, é como se saíssemos da tela, direto para a sua casa. Mas nem sempre foi assim. A chegada da TV no Brasil foi na década de 50, no século passado. De lá para cá, tivemos diferentes tecnologias, mas as imagens antigas continuam vivas em nossas memórias, ou melhor, em nossos arquivos. (*apud* QUADRO, 2015).

Em seguida, a apresentadora, continua em off, com imagens de prateleiras lotadas de fitas magnéticas: “E, em televisão, essa volta ao passado é possível de maneira simples: nessas prateleiras, estão arquivadas imagens exibidas ao longo dos anos: algumas preciosidades, são reportagens que marcaram épocas, vidas, ditaram comportamentos”. (SALAZAR *apud* QUADRO, 2015). O corte é, então, para a entrevista da jornalista Christina Ferraz Musse, que dá um depoimento sobre sua experiência como repórter de televisão, de 1981 a 1994. A sonora é coberta por algumas imagens de arquivo. Ao final, é exibida uma matéria completa, feita em 1993, sobre o making-off de um programa da série *Você decide*, com o cantor Fábio Jr.

¹¹ Em julho de 2019, a criação de novo cenário, trouxe a mudança para o nome do telejornal, *MGI*, mas, até o momento da redação deste artigo, o nome *Memória MGTV* tinha sido mantido.

A ideia da criação do quadro *Memória MGTV* é da gerente de Jornalismo da TV Integração, Fernanda Lília de Almeida. Em entrevista, ela relembrou como o projeto surgiu:

A ideia do quadro *Memória* surgiu quando estávamos pesquisando temas para uma série especial, sobre os 50 anos da TV. Vimos que muitos assuntos do passado ainda eram atuais ou despertavam muita curiosidade. A cada fita “Beta” encontrada com velhas reportagens, tínhamos um material novo em mãos. Eu e Fátima Diniz, editora de acervo, estivemos na Globo Rio com a equipe do *Arquivo N*, além de acompanhar uma reportagem de arquivo do *Globo Esporte*. A partir daí, voltamos para Juiz de Fora com a certeza que iríamos aproveitar melhor o nosso acervo. (ALMEIDA, 2019).

No início, sempre era entrevistado um profissional que trabalhara na emissora, e que tinha alguma relação com a reportagem de arquivo. Foram lembrados vários temas: a cobertura do sequestro da rua das Margaridas, Carnavais passados, o incêndio no Mercado Municipal. Aí, então, observou-se que o quadro já não precisaria da sonora com o profissional, ele já se sustentava:

Era rodar a vinheta e todos já sabiam que ali viria uma antiga reportagem, não precisava ser de fatos históricos, mas que mexesse com as lembranças do telespectador. Exemplo: uma reportagem sobre quando chegaram os orelhões a cartão no Calçadão [da Rua Halfeld, em Juiz de Fora]. Aqueles orelhões amarelos e as pessoas achando que era o que havia de mais novo. A última viagem do Trem Xangai, [trem de passageiros, que ligava os municípios de Juiz de Fora e Matias Barbosa]. E por aí vai. A cada semana, a Fátima Diniz busca uma reportagem antiga e o quadro se mantém, mexendo com as lembranças de muitos telespectadores e com o imaginário dos mais jovens. (ALMEIDA, 2019).

Assim, há mais de quatro anos, todas as edições de sábado do *MGI* (antigo *MGTV 1ª edição*) apresentam o quadro *Memória MGTV*. A vinheta com trilha sonora e logomarca do quadro são as mesmas do início, mas, na realidade, muita coisa mudou. Em especial, com a digitalização da TV. A assistente de produção, Maria de Fátima Diniz Moreira, a Fatinha, já tem digitalizada no acervo grande parte do conteúdo das cerca de quatro mil fitas magnéticas Betacam e 250 U-Matic, isto é, mais de 4 mil horas de reportagens jornalísticas e programas da época da TV analógica, além do que já foi produzido em suporte digital. Ela é a responsável pelo arquivamento de cerca de 10 a 20 matérias diárias. Só não são arquivados os flashes, e o conteúdo das “notas secas” e dos

“vivos” (com exceção de acontecimentos muito importantes). Parece fácil, mas não é. Tem que identificar os nomes do repórter, repórter cinematográfico, data, alguma coisa da “cabeça” lida pelo apresentador, citar o assunto principal, quais as sonoras, imagens, isto é, fazer uma sinopse bem completa. Tudo para facilitar a localização dos conteúdos arquivados. E a assistente de produção tem muito trabalho, que vai além do quadro *Memória*, porque os editores estão sempre a pedir imagens para cobrir offs, montar suítes de matérias, produzir especiais. Ela trabalha na emissora desde setembro de 1996, graduou-se em Comunicação Social, em 2013, e o tema de sua monografia foi o acervo digital da TV Integração.

No caso do *Memória MGTV*, a seleção do que vai para o quadro semanal, é decisão da assistente de produção, que age como uma verdadeira guardiã do acervo e se emociona, quando fala sobre ele. Certamente, ela ouve as opiniões da gerente de Jornalismo, Fernanda Lília, que resume de forma bem objetiva a preocupação do quadro: “Memória antenada com o que existe hoje”. (2019). Assim, a Fatinha consegue selecionar com mais facilidade o que vai ao ar naquela semana. Pode ser uma efeméride, como o aniversário da cidade, ou algo que contextualize um factual importante. Tem também as entrevistas que foram feitas com jornalistas, e outras pessoas da equipe. E na rede social Facebook dá para acompanhar a reação da audiência ao que é veiculado. Neste artigo, ainda não nos foi possível fazer um levantamento do engajamento do público com relação ao *Memória MGTV*, mas, pode-se observar que há não só o acompanhamento e o afeto (*likes*) pelo quadro, como o compartilhamento, mas este será o tema para outro trabalho.

5. Considerações finais

A constituição de acervos audiovisuais é uma prática ainda pouco difundida e apoiada no país, em especial no interior. O acesso aos arquivos também é restrito. Em Juiz de Fora, projetos acadêmicos, às vezes com o apoio da Lei Municipal de Incentivo à Cultura, têm tentado rememorar a história da televisão local, mas ainda são iniciativas escassas. O maior arquivo que existe na cidade é de uma única emissora privada, a TV Integração, afiliada à Rede Globo. E é através dos conteúdos registrados pela emissora,

que é preservada a história do telejornalismo local. Isto é, a emissora funciona como um lugar de memória, que, seleciona o que deve ser lembrado e esquecido.

A rememoração dessas narrativas é concretizada através do quadro semanal *Memória MGTV*, cujo conteúdo é veiculado aos sábados, mas pode ser acessado pelo portal de notícias *G1 Zona da Mata*, e cria um vínculo de pertencimento com o telespectador. A TV não monitora o engajamento, mas considera que o quadro é muito querido pelas pessoas que assistem a ele, isto é, gera pertencimento, através da memória teleafetiva. E uma forma de comprovar a aceitação do projeto é sua durabilidade: quatro anos. Não há um produto similar em Minas Gerais, e, não se teve acesso a nada semelhante em nenhuma afiliada da Rede Globo. Isto é, a visibilidade dada à história do telejornalismo local ainda é resultado da paixão de alguns poucos, e, não, como seria desejável do planejamento privado ou das políticas públicas.

6. Referências

ALMEIDA, Fernanda Lília. Entrevistada por Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora: 5 jul. 2019.

BARBOSA, Marialva. Senhores da memória. Revista Brasileira de Comunicação. São Paulo: vol. 18, nº2, p. 84-101, jul-dez. 95. In: <http://portcom.intercom.org.br/revistas/index.php/revistaintercom/article/view/1259/1212>. Acesso em jun. 2019.

BECKER, Beatriz. 500 anos do descobrimento nos noticiários da TV. In: EURICO, Alfredo; ANTÔNIO, Flávio; LADEIRA, Célia (Orgs.). **Telejornalismo: a nova praça pública**. Florianópolis: Insular, 2006. p.65-97.

BLACK, Júlio. Não está na TV. Juiz de Fora, MG: **Tribuna de Minas**, 2016. In: <https://tribunademinas.com.br/noticias/cultura/03-04-2016/nao-esta-na-tv.html>. Acesso em jun.2019.

BRASIL, Antônio; FRAZÃO, Samira Moratti. Reflexões sobre o acesso a arquivos de telejornais brasileiros. **Sessões do imaginário**, ano XVII, n.28, fev.2012. p.13-21. In: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/12256/8707>. Acesso em jun. 2019.

BRESSAN JÚNIOR, Mário Abel. **Memória teleafetiva**. Florianópolis: Insular, 2019.

COUTINHO, Iluska. Público e identidade no telejornalismo brasileiro. In: COUTINHO, Iluska; ALVARENGA, Nilson Assunção (Orgs.). **Identidade e tecnocultura: a comunicação em questão**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2010. p.131-145.

QUADRO “Memórias” resgata história do MGTV em Juiz de Fora. In: <http://g1.globo.com/mg/zona-da-mata/noticia/2015/04/quadro-memorias-resgata-historia-do-mgtv-em-juiz-de-fora.html>. Acesso em jul, 2019.

GRANJA, Mariana Gouvêa de Carvalho Tobias. **Mídia, arquivo e memória: o Centro de Documentação da TV Globo**. Monografia de Graduação. Rio de Janeiro: ECO/UFRJ, 2009.

MATA, Jhonatan Alves Pereira. **Um telejornal para chamar de seu: identidade, representação e inserção popular no telejornalismo local**. Dissertação de Mestrado. Juiz de Fora: Programa de Pós-Graduação em Comunicação, UFJF, 2011.

MOREIRA, Maria de Fátima Diniz. **Acervo digital: o Centro de Documentação da TV Integração Juiz de Fora**. Trabalho de conclusão de curso (Graduação em Comunicação Social). Juiz de Fora: Curso de Comunicação, Universidade Estácio de Sá, 2013.

_____. Entrevistada por Christina Ferraz Musse. Juiz de Fora: 5 jul. 2019.

MUSSE, Christina Ferraz. **Telejornalismo e imaginário urbano: a cidade na TV**. Anais do Encontro Nacional de História da Mídia. Niterói, RJ: UFF, 2008. In: <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/6o-encontro-2008-1/Telejornalismo%20e%20imaginario%20urbano.pdf>. Acesso em jun.2019.

_____; RODRIGUES, Cristiano José. **Memórias possíveis: personagens da televisão em Juiz de Fora**. São Paulo: Nankin, Juiz de Fora, MG: Funalfa, 2012.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História**, São Paulo, v. 10, p. 07-28, dez. 1993.

VINTE E CINCO ANOS. Juiz de Fora: TV Panorama, 2005.

WOLTON, Dominique. **Elogio do grande público: uma teoria crítica da televisão**. São Paulo: Ática, 1996.

SBPJor – Associação Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo
17º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo
Universidade Federal de Goiás (UFG) – Goiânia (GO) – Novembro de 2019
.....